

***Diktyoulkoí* – um drama satírico de Ésquilo¹**Ana Luiza Gontijo Aun
FALE-UFGM
ana-aun@ufmg.br

ABSTRACT

The satyr play was a small, comic play that closed a Greek tragic trilogy, placing the characters of the tragedy on a different setting where they meet satyrs and are mocked by them. The tragic tetralogy was common during the 5th and 4th centuries b.C., and all major tragedians such as Aeschylus, Sophocles and Euripides wrote satyr plays, being Aeschylus considered the best of them in this genre. Unfortunately, there are only fragments of his satyr plays and the *Diktyoulkoí* is the one with the largest numbers of verses preserved. The fragments were discovered separately and put together later. The main ones are the P.S.I. 1209a and P.Oxy.18 2161. They contain enough information about the plot, allusion to the myth of Danae and Perseus to which it is related and typical linguistic characteristics of the satyr play.

KEYWORDS: *Diktyoulkoí*; Aeschylus; satyr play; tetralogy; Perseus.

Na época clássica, a trilogia trágica grega era fechada por um drama satírico, uma peça menor e bem humorada que propiciava um alívio cômico, compondo-se uma tetralogia. Do séc.V até meados do séc. IV a.C.² competia-se no Festival de Dioniso com tetralogias, geralmente com um tema único,³ formando-se uma única “supertragédia”.⁴ No caso de Ésquilo, a tetralogia era sempre conectada,⁵ ou seja, um mesmo tema mitológico para todas as peças, sendo os heróis das tragédias parodiados no drama satírico.

Introduzido em Atenas no começo do séc. V por Pratinas,⁶ o drama satírico justapõe o heróico, com seus personagens supra-humanos, ao cômico, com seus personagens sub-humanos. Os heróis de mitos antigos e da epopéia, exaltados e problematizados na tragédia, são diminuídos e colocados em um nível mais próximo ao humano⁷ e encontram-se com um coro vestido de sátiros e o pai destes, o velho Sileno.

¹ O presente artigo é resultado de bolsa de pesquisa concedida pela Fapemig e orientada pela professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa.

² Em 341 a.C., a regra que exigia que cada autor competisse com uma tetralogia passou a não prevalecer.

³ Cf. Sutton, D. *Greek satyr play*. Meisenheim am Glan: Hain, 1980, p. 134/ Herington, J. *Aeschylus*. New Haven/ London: Yale University Press, 1986, p. 57.

⁴ Cf. Herington, *op. cit.*, p. 64.

⁵ Cf. Herington, *op. cit.*, p. 57/ Wartelle, A. *Histoire du texte d'Eschyle dans l'antiquité*. Paris: Les Belles Lettres, 1971, p. 37.

⁶ Cf. Sutton, *op. cit.*, p. 5/ Lawler, L. B. *The dance of the ancient Greek theatre*. Iowa City: University of Iowa Press, 1974, p. 103.

⁷ Cf. Podlecki, A. J. *Aiskhylos satyrikos*. In: Harrison, G. W. M. (org.). *Satyr drama. Tragedy at play*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2005, p. 16.

Os sátiros são seres míticos ambíguos, híbridos de homem e animal, podendo este ser bode, cavalo, uma fusão de ambos, ou outros. São tipicamente grotescos, frívolos, covardes e preguiçosos. São δαίμονες, “divindades” e θέρρες, “bestas selvagens”,⁸ espíritos da natureza em um corpo metade humano, metade animal. No *Diktyoulkoí*, são caracterizados como κνωδάλοι (v. 775), “monstros”. A ligação do drama satírico com animais e monstros pode ser percebida nos próprios títulos de algumas peças de Ésquilo, como: *Kerkyón*, *Kírke*, *Léon*, *Proteús* e *Sphínx*.⁹ Nos dramas satíricos, conforme observa-se nas pinturas em vasos,¹⁰ os sátiros aparecem com “shorts” peludos, rabo e orelhas de cavalo, falos eretos, geralmente carecas e com barba. O falo ereto representa uma exuberância sexual dionisíaca, configurando um elemento cômico, que tem a intenção de provocar o riso pelo seu exagero.

O pai dos sátiros, o velho Sileno, quem cuidou de Dioniso quando este era criança, em geral, comanda os sátiros que têm um espírito brincalhão, ingênuo e hiperativo,¹¹ já Sileno é mais caracterizado como irônico, maldoso, ambíguo, lascivo e audacioso.¹² Ambos compõem a escolta de Dioniso nas suas danças fálicas e burlescas. E, em ligação com o tema mítico, acredita-se que foi a partir das danças dionisíacas que originou-se o drama satírico, o qual apresenta, em geral, uma dança extravagante, rápida, vigorosa, com saltos e gestos obscenos¹³ denominada *síkinnis*.¹⁴ Através do seu coro de sátiros, o drama satírico preserva no séc.V a.C. uma tradição de cantos fálicos.¹⁵ Desse modo, enquanto a tragédia representa a morte de Dioniso, o drama satírico representa seu “triumfante retorno”.¹⁶ O elemento dionisíaco apenas iminente na tragédia reaparece no coro de sátiros, caótico e desorganizador tal como o deus. Este não está

⁸ Cf. Murray, G. *Aeschylus. The creator of tragedy*. Oxford: Clarendon Press, 1940, p. 149.

⁹ Cf. Ussher, R. G. *The other Aeschylus. A study of the fragments of aeschylean satyr plays. Phoenix*. Toronto, vol. XXXI, n. 4, p. 290, 1977.

¹⁰ São critérios para se considerar uma pintura em vaso como representação de uma drama satírico, segundo Broomer: presença de personagens mitológicos, especialmente os não associados com lendas de Dioniso; um tocador de flauta, instrumento que acompanhava a dança, e a presença de sátiros (cf. Lawler, L. B. *The dance of the ancient greek theatre*. Iowa City: University of Iowa Press, 1974, p. 104).

¹¹ Griffith, M. Satyrs, citizens, and self-representation. In: Harrison, G. W. M. (org.), *Satyr drama. Tragedy at play*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2005, p. 167.

¹² Cf. Lesky, A. *História da literatura grega*. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995, p. 295.

¹³ Cf. Lawler, *op. cit.*, p. 108 e 113.

¹⁴ Cf. Murray, *op. cit.*, p. 106, nota 8.

¹⁵ Cf. Vernant, J.-P. O Deus da ficção trágica. In: Vernant, J.-P.; Vidal-Naquet, P. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. Tradução de Anna Lia A. de Almeida Prado, Filomena Yoshie Hirata Garcia e Maria da Conceição M. Cavalcante. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 159.

¹⁶ Cf. Murray, *op. cit.*, p. 148.

necessariamente presente. Quando ausente, faz-se manifesto através dos sátiros. Sua expressão mais explícita é o falo constantemente ereto destes.¹⁷

No drama satírico, os heróis são retirados da *pólis* e colocados em ambientes rústicos, nos quais se encontram com o sátiro, arquétipo do homem intocado pela civilização, que simboliza o homem em seu estado pré-cultural, evidenciando seu lado natural, animalesco e indomado. O drama satírico zomba da elevação da tragédia e mostra uma faceta mais animal e natural do homem, espelhada pelos sátiros.¹⁸

O drama satírico, como os próprios sátiros, é um híbrido, uma fusão entre a tragédia e a comédia. A grandiosidade dos heróis mitológicos é desfeita, sendo estes levados a um nível mais próximo ao humano, porém não é feita uma sátira da sociedade, como ocorre na comédia.¹⁹ Enquanto a tragédia lida com seres mais elevados que os homens comuns, e a comédia com o humano mais rebaixado, o drama satírico faz uma mistura de ambos.²⁰ Estes são parâmetros pelos quais o homem pode se definir, buscando a justa medida entre o herói humano-divino, e o sátiro humano-animal.

O contraste entre o caráter brincalhão, espontâneo e rústico dos sátiros e a forma séria, solene e civilizada dos heróis é a principal característica do drama satírico (Campo, p.114),²¹ que é espelhada na linguagem típica do gênero. A linguagem utilizada é semelhante à da tragédia, intercalada com as falas ambíguas dos sátiros, cheias de insinuações sexuais. Já a comédia utiliza o ático coloquial, pois explora um contraste cômico entre a ficção e a vida real na *pólis*.²²

Como na tragédia, o drama satírico apresenta o ático com elementos jônicos e homéricos, como o uso de $-\sigma\sigma-$ ao invés do $-\tau\tau-$ ático, embora seja mais tolerante em relação a arcaísmos e homerismos, admitindo-os nas partes recitadas, enquanto na tragédia estes só aparecem nas partes líricas. Prevalece o verso jâmbico, admitindo-se, porém, uma maior liberdade métrica.²³

Todos os grandes autores trágicos compuseram dramas satíricos, porém destes só restaram fragmentos, com exceção do *Ciclope* de Eurípides, o único completamente

¹⁷ Trata-se de uma ereção involuntária que mais demonstra o estar tomado pela força fértil dionisíaca do que ser consequência de um estímulo sexual ou se destinar ao ato sexual e à reprodução.

¹⁸ Cf. Eire, A. L. Reflexiones sobre la lengua del drama satírico. *Humanitas*. Coimbra, vol. LII, p. 93, 2000.

¹⁹ Cf. Eire, *op. cit.*, p. 93.

²⁰ Cf. Murray, *op. cit.*, p. 150.

²¹ Cf. Campo, L. *I drammi satireschi della Grecia antica*. Milano: Fratelli Bocca Editori, 1940, p. 114.

²² É nítida a diferença com o estilo formal da comédia, cuja competição se dava em um dia separado, com trajes, linguagem, ritmo e enredos próprios (cf. Griffith, *op. cit.*, p. 162/ Eire, *op. cit.*, p. 95).

²³ O drama satírico pode apresentar uma tribraquia no quarto pé, como observa-se no verso 10 do *Diktyoulkoí*: ἄναξ Πόσειδον Ζεῦ τ' ἐνά[λιε (cf. Ussher, *op. cit.*, p. 299).

preservado. Ésquilo foi considerado na Antiguidade o maior autor deste gênero.²⁴ Das noventa obras atribuídas a ele no *Suda*, setenta são tragédias, das quais apenas sete foram conservadas, e quinze²⁵ são dramas satíricos.²⁶ Pouco se sabia a respeito dos seus dramas satíricos até a descoberta dos fragmentos do *Diktyoulkoí*,²⁷ literalmente “puxadores de rede de pesca”, que compõe a tetralogia de Perseu. Fazem parte desta a *Phorkídes*, peça na qual representava-se a aventura das Górgonas, o *Polydéctes*, na qual Perseu retorna à Seriphos e salva Dânae, sua mãe, do rei Polydéctes e uma terceira suposta tragédia.²⁸ No *Diktyoulkoí*, o herói Perseu é retratado como um infante ameaçado por sátiros juntamente com Danae, a quem ele é incapaz de proteger naquela circunstância.

Embora o *Diktyoulkoí* não esteja completo, os fragmentos são suficientes para se conhecer grande parte do enredo e para se observar as características básicas do gênero. Ele é valioso por demonstrar a estrutura, a métrica e o estilo dos dramas satíricos de Ésquilo.²⁹

O chamado fragmento florentino foi atestado como pertencente ao *Diktyoulkoí* por similaridade a outras peças de Ésquilo, pela presença do nome Díktys (nome do pescador ou irmão de Polydéctes, pertencente ao mito em questão) e por palavras que se sabia pertencerem ao *Diktyoulkoí*, como por exemplo κίβώτιον (10), “pequeno baú”, e pelo reconhecimento do mito de Danae e Perseu. Ele é composto por fragmentos de um manuscrito do séc. II encontrados em 1932, publicados por G. Vitelli e M. Norsa em 1935, como P.S.I. 1209 a (linhas 1-15, 15-22 e fragmentos das linhas 17-22) e P.S.I. 1209 b. Deste último podem-se reconhecer apenas algumas palavras, porém, está presente o nome Díktys.

A este foi adicionado um outro fragmento do mesmo manuscrito por razões paleográficas. O fragmento encontrava-se no Queen’s College em Oxford, tendo sido

²⁴ Diógenes Laércio 2.133, Pausanias 2.13.6-7 [cf. Sutton, *op. cit.*, p. 14/ Lesky, *op. cit.*, p. 294/ O’Sullivan, P. Satyr and Image in Aeschylus’ “Theoroi”. *The Classical Quarterly*. vol. L, n. 2, p. 353, 2000].

²⁵ Identificados como tal por citações antigas, pela presença da mitologia que permite ligá-los a uma trilogia trágica e por características próprias de linguagem e da métrica (cf. Ussher, *op. cit.*, p. 288).

²⁶ Cf. Murray, *op. cit.*, p. 144.

²⁶ Citado no *Mediceus* com o título de *Diktyourgoí* (cf., *op. cit.*, Wartelle, p. 321); Pollux, VII 35: Mette fr. 466, p. 170; Élien, *De natura animalium*, VII 47: Mette fr. 474; Hésychius. ed. Latte, t. II, 1966, p. 340, n. 1029 [cf. Wartelle, *op. cit.*, p. 321 (nota 2)].

²⁷ A tetralogia é datada por Goins, com base em evidência literária e iconográfica, em 460 ou 461a.C. (cf. Podlecki, *op. cit.*, p. 11).

²⁸ Cf. Lesky, *op. cit.*, p. 294/ Murray, *op. cit.*, p. 168.

²⁹ Cf. Griffith, *op. cit.*, p. 165.

reconhecido por E. Lobel e publicado em 1941 como P. Oxy. 18 2161. Ele contém sessenta e oito versos parcialmente danificados e provém de uma parte posterior do drama, não formando, portanto, um todo contínuo com o fragmento florentino. Há uma marca esticométrica, um Θ entre dois traços,³⁰ como pode ser observado no manuscrito, através da qual foi possível numerar os versos 765-832. Não sendo estes os versos finais, supõe-se que essa peça tivesse uma extensão maior que a habitual,³¹ que é de setecentos a a oitocentos versos.³² Por similaridade de escrita, juntaram-se ainda outros fragmentos, o P. Oxy. 20 2255 (frs. 20 e 21) e 2256 fr. 72,³³ embora estes estejam muito danificados.

O *Diktyoulkoí* apresenta características linguísticas do drama satírico, tais como: linguagem mimética e orientada para a ação, com muito uso de diminutivos e adjetivos; palavras compostas, como ἀμπελοσκάφοι (v. 19) e palavras raras: προπράκτορα (v. 769); μικρός (v. 787), forma dórica e beócia de μικρός; φίντων (v. 802) forma dórica; ὀβρίχοισι (v. 809); θῶσθαι (v. 818), dórico equivalente ao jônico δάινυσθαι.³⁴

Acima de tudo, a linguagem do drama satírico é auto-contraditória,³⁵ mesclando elementos dissonantes: de um lado a grandiosidade e solenidade da tragédia e de outro, o caráter brincalhão, rústico, lascivo, sedutor e “ameaçador” dos sátiros. Podemos perceber nos versos 765-788 do *Diktyoulkoí* o contraste entre os heróis e os sátiros espelhado na linguagem, através da contraposição das fala de Sileno e a de Danae. Na passagem aparecem também temas típicos do drama satírico e são feitas referências ao mito de Perseu.

No fragmento florentino, Díktys e o velho da ilha pedem ajuda para puxar uma rede de pesca, pois nela está preso um baú. Chega então, junto a outros, o coro de sátiros, uma entrada típica para tal coro, ou seja, atendendo a um pedido de ajuda. No fragmento seguinte, os sátiros já puxaram o baú e querem se apoderar do tesouro, que no caso é Danae e o pequeno Perseu, elementos do mundo civilizado, inusitado para os

³⁰ Notação esticométrica marginal, no alto da coluna 2, na frente do verso 2, na margem da esquerda, indicando ser o verso 800. Era hábito dos editores alexandrinos marcar cada 100 versos com uma letra do alfabeto, conforme tradição que remonta ao período clássico (cf. Wartelle, *op. cit.*, p. 159).

³¹ Cf. Lesky, *op. cit.*, p. 295, nota 45 (em citação a Stark).

³² Cf. Sutton, *op. cit.*, p. 141.

³³ Cf. Wartelle, *op. cit.*, p. 159.

³⁴ Cf. Eire, *op. cit.*, p. 107-108.

³⁵ Cf. Sutton, *op. cit.*, p. 132.

sátiros.³⁶ Temos então uma fala de Sileno intercalada com a de Danae, embora não se configure propriamente um diálogo:

ΣΕΙΛ.	τοιγάρ θάλασσαν καὶ θεοὺς μαρτύρομαι κλύειν ἅ νῦν ἅπαντι κηρύσσω στρατῶ. σὺ δ' ὦ κόρη τὰ πάντα τᾶσ' ἄν' ἐφθάρης, εἰ μὴ μάλ' εὐτυχοῦσα τρόξενόν θ' ἅμα εὐεργέτην θ' ἡύρου με καὶ προπράκτορα, τοῦ παιδίου] τε μαῖαν ὡς γερασμίαν, ἢ κοιμίσει νιν] ἠπίοις προσφθέγμασιν· ὄλβός δε νῦν σ' ἄπαυστο]ς ἐν χρόνῳ μενεῖ.	765 770
ΔΑΝ.	ὦ παγκρατῆς Ζεῦ καὶ γενέθλιοι θεοί τί νῦν τελευτᾶς τάσδε μοι πόνων τιθεῖς; ἢ δῆτα τοῖσ]δε κνωδάλοισ με δώσετε; ἔργοισι καὶ] λόγοισι λυμανθήσομαι, ἄφερτα δ' αἰχ]μάλωτος ὦ]ς] ἔξω κακά, ἀνάινο]μαι γοῦν· ἀγχόνην ἄρ' ἄψομαι, ἀτιμί]ας τεμοῦσα κωλυτήριον ἡμᾶς δ' ὄπ]ως μὴ ποντίση τις αὐ πάλιν ὠμῆς δι' ὀρ]γῆς ἢ πατήρ· δέδοικα γάρ. Ζεῦ, τῶνδε] πέμπ' ἀ]ρ]ωγόν, εἰ δοκεῖ, τινα· οὐ γὰρ μετ]εῖχες αἰτίας, τῆς μείζονος, μέρος, δίκη]ν δε πάσαν ἐξετεῖσ' ἐγώ. τ' ἀληθε]ς] εὐ σ' ἔλεξα· πάντ' ἔχει]ς] λόγον.	775 780 785
ΣΕΙΛ.	ἦδ]ν γελαῖ μου προσοπῶν οὔτο]ς ὁ μικκὸς λιπαρὸν καὶ μ]ιλτ[ό]πρεπ[το]ν φαλακρόν. ³⁷	
Si.	Então o mar e os deuses invoco como testemunhas a ouvir o que agora anuncio a todo o povo. Tu, ó moça, terias sido totalmente arruinada, se não, tendo muita sorte, tivesses encontrado a mim um protetor ao mesmo tempo benfeitor e defensor da criança, uma ama assim velha a qual o colocará na cama com palavras suaves: e a felicidade então para ti incessante no tempo permanecerá.	765 770
Da.	Ó Zeus todo-poderoso e deuses ancestrais! O que agora como sofrimentos finais dispões para mim? O que então, a estes monstros me entregareis? Com ações e palavras serei maltratada, e insuportáveis males assim prisioneira sofrerei, me recuso de fato, então na corda me pendurarei, a desonra cortando por prevenção	775

³⁶ É típico do drama satírico o cômico e ingênuo encontro dos sátiros com o civilizado, seja através de um εὔρημα, uma invenção ou um τέρας, algo espantoso ou maravilhoso (cf. O'Sullivan, *op. cit.*, p. 358), como a lira de Hermes no *Ikhneutai* de Sófocles, o fogo no *Prometheüs Pyrkaeus* de Ésquilo e no caso do *Diktyoulkoí*, Danae e Perseu que são encontrados dentro de um baú que é puxado do mar.

³⁷ Cf. De Haas, M. W. *Aeschylus' Dictyulci*. Leiden: E. J. Brill, 1961, p. 77. A tradução que se segue é minha.

assim alguém não nos lançaria de novo de volta ao mar 780
 por impulso cruel, tal como o pai; pois temo.
 Ó Zeus, envia alguém que socorra destes aqui, se assim te parece
 pois tu tens parte da culpa, a maior
 parte, mas toda a pena paguei eu.
 A verdade a ti eu disse bem: tudo a fala contém. 785
 Si. Com alegria ri de mim, ele, o pequeno,
 olhando para a brilhante
 e de intenso vermelho careca.

Sileno proclama a todos (v. 766), podendo estar se dirigindo à platéia. Em seguida tenta conquistar Danae, e para tal, irá tentar conseguir a atenção de Perseu. Sileno pretende convencê-la de que estão seguros junto a ele e aos sátiros, com uma fala tipicamente enganadora e sedutora, na qual ele se engrandece com adjetivação. O verbo κοιμίσει (v. 771), futuro de κοιμίσθαι, “colocará na cama”, exemplifica o uso de palavras ambíguas com insinuação sexual. Danae, por sua vez, não se dirige a Sileno, mas sim a Zeus (v. 773-785), num tom trágico e desesperado, em trímetro jâmbico, preferindo se enforçar do que permanecer ali à mercê dos sátiros.

Nos versos 780-784 é feita uma alusão ao mito ao qual a tetralogia está ligada, no qual Acrisius, rei de Argos, prende sua filha Danae, por ter o oráculo revelado que o filho que ela viesse a ter, provocaria a sua morte. Porém, Zeus a visita em forma de chuva dourada e a engravida. Acrisius então, coloca Danae e o filho dela, Perseu, num baú e os lança ao mar.³⁸ Em seguida há uma volta abrupta à fala de Sileno (v. 786), maliciosa e lasciva, referindo-se agora a Perseu, que supostamente se diverte ao ver o falo ereto daquele.

Nos versos seguintes, Sileno, com a intenção de seduzir Danae, diz querer constituir família com ela, e o coro de sátiros exalta o casamento em anapestos recitativos no estilo trágico.³⁹ Embora a peça esteja incompleta, supõe-se que Danae e Perseu fossem resgatados dos sátiros, conforme típico final feliz dos dramas satíricos.

Referências

ARAÚJO, A. R. G.; LEANDRO, M. C. X.; BARBOSA, T. V. R. As dificuldades de traduzir para teatro. Prólogo das Eumênides de Ésquilo. *Cadernos de tradução*. Florianópolis, n. 20, p.101-24, 2007.

³⁸ Pherecydes Atheniensis (3 Jacoby) Scol. Apoll. Rhod. IV, 1091, 155 (fr. 10 e 11).

³⁹ Cf. Lesky, *op. cit.*, p. 295/ Eire, *op. cit.*, 116.

BENJAMIN, W. A tarefa-renúncia do tradutor. Tradução de Susana Kampf Lages. In: HEIDERMAN, W. *Clássicos da teoria da tradução. Alemão-português*. Florianópolis: Núcleo de Tradução/ UFSC, 2001, p. 188-215.

BURKERT, W. *Homonecans. The anthropology of ancient Greek sacrificial ritual and myth*. Translated by Peter Bing. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 1983.

CAMPO, L. *I drammi satireschi della Grecia antica*. Milano: Fratelli Bocca Editori, 1940.

CARPENTER, T. H. Images of satyr plays in south Italy. In: HARRISON, G. W. M. (org.). *Satyr drama. Tragedy at play*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2005, p. 219-236.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.

CROISSET, M. *Eschyle. Étude sur l'invention dramatique dans son théâtre*. Paris: Les Belles Lettres, 1928.

DE HAAS, M. W. *Aeschylus' Dictyulci*. Leiden: E. J. Brill, 1961.

DETIENNE, M. *Dioniso a céu aberto*. Tradução de Carmem Cavalcanti. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

EIRE, A. L. Reflexiones sobre la lengua del drama satírico. *Humanitas*. Coimbra, vol. LII, p. 91-122, 2000.

GRIFFITH, M. Satyrs, citizens, and self-representation. In: HARRISON, G. W. M. (org.). *Satyr drama. Tragedy at play*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2005, p.161-199.

HARRISON, G. W. M. (org.), *Satyr drama. Tragedy at play*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2005.

HERINGTON, J. *Aeschylus*. New Haven/ London: Yale University Press, 1986.

LAWLER, L. B. *The dance of the ancient Greek theatre*. Iowa City: University of Iowa Press, 1974.

LESKY, A. *História da literatura grega*. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995.

METTE, H. J. *Die Fragmente der Tragödien des Aischylos*. Berlin: Akademie-Verlag, 1959.

_____. (org.) *Supplementum Aeschyleum*. Berlin: Verlag von Walter de Gruyter & Co, 1939.

MURRAY, G. *Aeschylus. The Creator of tragedy*. Oxford: Clarendon Press, 1940.

O'SULLIVAN, P. Satyr and image in Aeschylus' "Theoroi". *The Classical Quarterly*, New Series, vol. L, n. 2, p. 353-366, 2000.

PODLECKI, A. J. Aiskhylos satyrikos. In: HARRISON, G. W. M. (org.). *Satyr drama. Tragedy at play*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2005, p.1-19.

SILK, M. S.; STERN, J. P. *Nietzsche on tragedy*. Cambridge: University Press, 1995.

SMYTH. H. W. *Aeschylus*. Cambridge: Harvard University Press, 1952. Vol. II.

SOURVINOU-INWOOD, C. *Tragedy and Athenian religion*. New York/ Oxford: Lexington Books, 2003.

STOREY, I. C. But comedy has satyrs too. In: HARRISON, G. W. M. (org.). *Satyr drama. Tragedy at play*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2005, p.201-18.

SUTTON, D. *Greek satyr play*. Meisenheim am Glan: Hain, 1980.

_____. Named Choretus in satyr plays. *The American journal of philology*, vol. CVI, n. 1, p. 107-110, 1985.

TURNER, E. G. *Greek manuscripts of the ancient world*. Edited P. J. Parsons. *Institute of Classical studies bulletin supplement*. London: University of London, 1987. N. 46.

USSHER, R. G. The other Aeschylus. A study of the fragments of aeschylean satyr plays. *Phoenix*. Toronto, vol. 31, n. 4, p. 287-299, 1977.

VERNANT, J.-P. O Deus da ficção trágica. In: VERNANT, J.-P.; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. Tradução de Anna Lia A. de Almeida Prado, Filomena Yoshie Hirata Garcia e Maria da Conceição M. Cavalcante. São Paulo: Perspectiva, 1999, p.157-162.

VERNANT, J.-P.; FRONTISI-DUCREUX, F. Figuras da máscara na Grécia antiga. In: VERNANT, J.-P.; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. Tradução de Anna Lia A. de Almeida Prado, Filomena Yoshie Hirata Garcia e Maria da Conceição M. Cavalcante. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 163-178.

VIDAL-NAQUET, P. Ésquilo, o passado e o presente. In: VERNANT, J.-P.; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. Tradução de Anna Lia A. de Almeida Prado, Filomena Yoshie Hirata Garcia e Maria da Conceição M. Cavalcante. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 221-239.

WARTELLE, A. *Histoire du texte d'Eschyle dans l'antiquité*. Paris: Les Belles Lettres, 1971.

WEST, M. L. *Greek metre*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

nuntius antiquus